

“A CRIANÇA BRINCA E APRENDE”: AS FALAS DOS PAIS/RESPONSÁVEIS SOBRE BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“THE CHILD PLAY AND LEARN”: THE STATEMENTS OF THE PARENTS/GUARDIANS ABOUT PLAY IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Paulo Henrique Alves¹

Gislene Camargo²

RESUMO: Este artigo retrata os entendimentos dos pais/responsáveis sobre o brincar na Educação Infantil. O problema “Qual a visão dos pais/responsáveis em relação à importância do brincar na Educação Infantil? ”, surgiu em decorrência do estágio não obrigatório, em que se ouvia considerações dos pais a respeito do brincar, e entendeu-se a necessidade de pesquisar sobre o assunto. O objetivo geral foi analisar as falas/entendimentos dos pais/responsáveis sobre o brincar na Educação Infantil, colocando em destaque seus conhecimentos acerca do tema. Definiu-se então os objetivos específicos: Estudar sobre a importância de as crianças brincarem na Educação Infantil; Compreender a importância do brincar para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil; Identificar a questão do brincar na visão dos pais/responsáveis; Relacionar as práticas do brincar na escola e em casa; Investigar se na visão dos pais/responsáveis as crianças vão à escola só para brincar. Para legitimar o estudo realizou-se uma pesquisa de campo, tendo a característica exploratória descritiva, por meio de uma entrevista semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa foram sete pais/responsáveis com filhos/filhas na Educação Infantil na cidade de Criciúma/SC. A análise dos dados teve como referencial teórico FANTIN (2000); ANTUNHA (2002); MUNIZ (1999); ZAGO (2012), entre outros. Os entendimentos dos pais/responsáveis sobre o brincar, indicam que brincar é uma aprendizagem, suas respostas afirmam que brincando a criança se socializa, se envolve, cria, imagina, e se desenvolve. Consideram que brincar na Educação infantil é de suma importância.

PALAVRAS CHAVE: Educação Infantil. Brincar. Pais/Responsáveis.

ABSTRACT - This article portrays the minds of parents/guardians about the play in Early Childhood Education. The problem "What the vision of parents/guardians in relation to the importance of play in Early Childhood Education? ", arose as a result of the internship not mandatory, in which considerations of parents heard about the play, and understood the need

¹ Acadêmico do Curso de Pedagogia Licenciatura, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. alves@unesc.net

² Orientadora. Mestre em Educação, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. gislene@unesc.net

to search on the subject. The general objective was to analyze the statements/understandings of parents/guardians about the play in Early Childhood Education, placing emphasis on their knowledge about the theme. It was defined then the specific objectives: Study on the importance of children in child education; to understand the importance of play for the child's development in Early Childhood Education; Identify the issue of playing in the vision of parents/guardians; Relate the practices of play at school and at home; Investigate whether in the vision of the parents/guardians of the children go to school just to play. To legitimize the study was conducted a field research, taking aim at the descriptive exploratory characteristic, through a structured interview. The research subjects were seven parents/guardians with sons/daughters in early childhood education in the city of Criciúma/SC. The analysis of data was as theoretical FANTIN (2000); ANTUNHA (2002); MUNIZ (1999); ZAGO (2012), among others. The minds of parents/guardians about the play, indicate that play is a learning process, their answers affirm that playing the child socialization, whether it involves, creates, imagine, and develops. Consider that play in the education of children is of paramount importance.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Play. Parents/Guardians.

1 INTRODUÇÃO

O tema dessa pesquisa foi escolhido durante a atuação no estágio não obrigatório, proporcionado pela Prefeitura Municipal de Criciúma em parceria com a Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, realizado em uma sala com crianças na faixa etária de cinco anos, de uma escola municipal da região. Foi possível notar ao longo do período de estágio uma preocupação acerca do fato de que as crianças estavam “brincando demais”, durante o período que permaneciam na Educação Infantil, conforme alguns pais/responsáveis mencionaram.

O fato de este tema ser escolhido para ser desenvolvido, surgiu para destacar que os pais/responsáveis embora questionassem que as crianças estavam brincando demais, nem sempre foram ouvidos pelos educadores. Durante a permanência na escola, não se percebeu que o tema brincar foi discutido com os pais/responsáveis, tanto particularmente, quanto em reuniões. Considerando-se que o brincar é um dos eixos da Educação infantil, seria relevante ouvir o que os pais/responsáveis têm a dizer sobre o assunto, e que compreendam os significados e a importância do brincar no processo de desenvolvimento das crianças.

As crianças aprendem a brincar, pois brincar também é uma aprendizagem (FANTIN, 2000). E a proposta de aprender brincando na Educação Infantil, exige que os Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº3, Edição Especial 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

educadores compreendam o papel do brincar, para também ensinar por meio de brincadeiras. O brincar é um dos modos de expressão da criança, por meio das brincadeiras ela compreende, imita e recria situações. Portanto, se brincar é um dos eixos do currículo, que se faz presente nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil, entende-se que os pais/responsáveis precisam compreender que o brincar é uma condição pedagógica e necessária para a criança.

Ouvir os pais/responsáveis e refletir sobre as suas ideias acerca do tema é necessário, para isso não se pode esquecer-se das questões que norteiam a questão principal, sendo elas: Qual a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças da Educação Infantil? O que pensam os pais/responsáveis sobre as crianças brincarem na Educação Infantil? Qual a relação que os pais/responsáveis fazem sobre o ato de brincar na escola e em casa? Na visão dos pais/responsáveis as crianças vão à escola “só” para brincar?

Foram entrevistados sete pais/responsáveis, os quais se disponibilizaram para participar da entrevista que é de cunho semiestruturada, pautada em oito perguntas mediante o tema brincar na educação infantil, as quais foram analisadas no decorrer do projeto.

A pesquisa gira em torno da questão problemática “Qual a visão dos pais/responsáveis em relação à importância do brincar na Educação Infantil?” Vale ressaltar que o objetivo central desta pesquisa é “Analisar qual a visão dos pais/responsáveis em relação à importância do brincar para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil.” Definiu-se então os objetivos específicos: Pesquisar sobre a importância de as crianças brincarem na Educação Infantil; Compreender a importância do brincar para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil; Identificar a importância do brincar na visão dos pais/responsáveis; Relacionar as práticas do brincar na escola e em casa; Investigar se na visão dos pais/responsáveis as crianças vão à escola só para brincar.

A pesquisa está subdividida por sessões e subseções intituladas: primeiramente a introdução, que situa o leitor sobre o motivo da pesquisa, o problema desencadeador e os objetivos; em segundo A infância e o brincar, pincelando determinadas características da infância e do brincar na trajetória da história da educação, nessa escrita buscou-se aporte teórico em ARIÈS(1981), MUNIZ(1999), ANTUNHA(2002), FANTIN (2000); após a sessão sobre Brincar na Educação Infantil: eixo do currículo, contextualiza o jogo, a brincadeira

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº3, Edição Especial 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

como fato social, cultural e histórico e para teorizar esse tema utilizou-se as referências de FANTIN(2000), Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA- BRASIL(1990) e HEINKEL(2003); seguido então de uma subseção intitulada O jogo/brincadeira para o desenvolvimento da criança, esse subcapítulo trata do desenvolvimento da criança e a relevância do brincar, do jogo e da brincadeira na infância, e o referencial consolidou-se com FANTIN(2000), OLIVEIRA(1993) e WINNICOTT(1982), neste mesmo subcapítulo foi destacada a importância da relação família e escola, aos quais os autores FANTIN (2000), ZAGO(2012) e DESSEN e POLONIA(2007) ampliaram os entendimentos a esse respeito; no quarto momento situa-se a Metodologia, apresentação e análise de dados, aborda o objeto da pesquisa, suas características a forma como discorreu a coleta de dados, os sujeitos pesquisados e as análises das entrevistas com o olhar da teoria; após vem Conclusão da pesquisa e suas finalizações; e por último às Referências, que elencam os autores que mediarão teoricamente o artigo.

2 INFÂNCIA E O BRINCAR

Parece óbvio que ao discorrer sobre a infância, o brincar apareceria imediatamente. Porém, a infância é uma invenção relativamente nova e de acordo com Ariès (1981) o conceito de infância foi se modificando, e o tratamento com as crianças foi se transformando também. Os estudos de Ariès apontam que na época medieval, a infância, era ignorada e tão pouco existia um sentimento em relação a ela. Diante deste fato, era bem distinta a relação entre a criança e o adulto. Quando a criança conseguia se virar sem ajuda ou sem os cuidados da mãe ou sua ama, aí sim ela era integrada a um mundo novo, no caso o dos adultos, depois disso adulto e criança juntos aprendiam a brincar, jogar e por sua vez algum ofício. Desse modo, percebeu-se que não havia jogos, brinquedos ou brincadeiras destinadas à infância, mas sim ao mundo dos adultos.

Esse novo olhar referente ao sentimento de infância ocorre em meados dos séculos XVI e XVII, foi quando se notou então que as crianças precisavam de um tratamento especial, que condiz com a criança, ou seja, de cuidados mais relevantes à educação propriamente dita (ARIÈS, 1981). Do mesmo modo, Muniz (1999) acentua que a noção de Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº3, Edição Especial 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

infância e sua conceituação não aconteceram naturalmente, é um produto da evolução da história das sociedades. Os olhares sobre a criança e sua valorização na sociedade ocorreram de acordo com a transformação histórica, social e econômica. Hoje, considera-se inclusive o conceito de Infâncias, pois conforme a classe social, as infâncias e suas vivências, diferenciam-se significativamente.

Ainda nesse sentido, os jogos, as brincadeiras e o brincar foram ganhando espaço nas sociedades, porém passaram por diversas interpretações. Um exemplo foi que, com o advento do Cristianismo, a Igreja exercia um domínio social e determinados jogos e brincadeiras já faziam parte da nossa história. Conforme a interpretação da igreja, o jogo era visto como algo pecaminoso, sendo praticamente banido da educação ao longo da Idade Média. No Renascimento (século XVI), com o surgimento de novas ideias, observa-se um novo conceito do jogo. Os jogos físicos são acrescidos aos jogos de espírito (enigmas e adivinhas), começando assim a se multiplicar os jogos educativos, que com os jesuítas ganharam novo impulso (FANTIN, 2000). Nessa trajetória, os jogos e as brincadeiras foram adquirindo diferentes interpretações e aplicações, e os jogos relacionados à infância foram adquirindo importância para o desenvolvimento das crianças.

Atualmente, o brincar é um dos eixos da educação infantil, o que demonstra um grande salto na história da infância e sua relação com o brincar. Assim, o jogo e o brincar, podem ter um importante papel pedagógico na vida da criança enquanto cidadão que vai se desenvolvendo, conhecendo o mundo, interagindo a partir dos intercâmbios sociais que vai estabelecendo. Assim, a Educação Infantil pode ampliar de maneira significativa o repertório vivencial e de conhecimentos das crianças em direção à autonomia e à cooperação, através de atividades organizadas em torno do jogo infantil construído pelas crianças – jogo entendido como linguagem e como elemento de cultura (FANTIN, 2000).

O brincar pode ser entendido enquanto representação, ou seja, a criança ao brincar representa aquilo que lhe rodeia, a menina quando brinca com a boneca, repete o que a mãe faz em um dia de rotina, faz uma “lojinha” e vende roupas, o menino não muito diferente reproduz um dia de trabalho do pai, abre uma lavação de carrinhos e assim por diante (ANTUNHA, 2002). Na infância a criança faz muito o uso da imaginação e representação em

seus jogos e brincadeiras, o que torna esses momentos mais significativos e realistas para ela, tornando-se único e prazeroso.

Chega uma fase em que a criança muda seus pensamentos, jeitos, atitudes em relação aos jogos e brincadeiras, Antunha (2002, p.46) afirma que “com o amadurecimento e o desenvolvimento da criança, jogos mais elaborados conceitualmente passam a fazer parte de sua vida.” A criança busca por aquilo que lhe desafia a pensar, que tenham estratégias, que seja duradouro e muitas vezes competitivo.

Tanto quanto a sociedade evoluiu no seu modo de pensar a criança e a infância, a criança também se desenvolveu nesse processo. Na atual sociedade, a criança é um ser de direitos, pensa, age, argumenta e protagoniza seu viver. Portanto, essa criança que tem direito à Educação Infantil, tem o direito de brincar. O próximo título elucidada o Brincar na Educação Infantil, que aborda a brincadeira como um fator presente na vida da criança por meio dos convívios e das interações.

3 BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EIXO DO CURRÍCULO

Pode parecer redundante falar sobre o brincar na Educação Infantil, porém, algumas práticas demonstram que em determinadas instituições, o brincar ainda se limita ao intervalo das atividades. O brincar, mesmo tendo aparência de ser algo de característica da espontaneidade não surge de maneira espontânea, para brincar, a criança precisa aprender a brincar. Portanto, o brincar é uma aprendizagem que se dá a partir das interações sociais, ele necessita de um instrumental simbólico que vai ser apreendido nestas relações, tanto com seus pares, quanto com os adultos.

A brincadeira se constitui num espaço imaginado onde pode-se levantar hipóteses sobre o mundo – que é simbólico, cultural, social e interativo – utilizando-se de instrumentos simbólicos que vêm do repertório sócio-cultural que está presente no grupo, no tempo e no espaço (FANTIN, 2000). As brincadeiras têm caráter social e cultural, o que torna cada sociedade diversa em suas conceituações sobre o brincar e as brincadeiras. Pode-se perceber que “no brincar vemos como a criança se coloca nessa relação de construção de conhecimentos. Um mundo imaginário, só seu, em confronto com o mundo objetivo que vive

e pensa para si.” (HEINKEL, 2003, p.23). Nesse sentido, percebe-se que a brincadeira possibilita à criança uma diversidade de compreensões de mundo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) têm como objetivo de proposta pedagógica garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças (BRASIL, 2010, p. 18). Desse modo, o Brincar e a Brincadeira que são eixos norteadores das DCNEI, precisam garantir que as propostas pedagógicas tenham essas intencionalidades.

As crianças chegam à Educação Infantil com suas histórias, suas vivências culturais, cada qual com suas diferenças, portanto, a instituição deve acolhê-las e respeitar suas singularidades. Em relação ao contexto social da criança, de acordo com o pressuposto de Fantin (2000, p.78):

[...] a criança nasce e vive num determinado contexto social em que estabelece relações interpessoais intermediadas pelas relações de cultura. Assim, a criança desenvolve-se pela experiência social nas interações que estabelece com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criados. Podemos entender então que, o jogo é uma atividade humana em que as crianças são introduzidas, constituindo-se num modo de recriar a experiência sócio-cultural dos adultos.

Por meio do contato social, vivência e novas experiências a criança começa a aprender a viver em sociedade, entendendo seus direitos e deveres, que segundo o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) Brasil, (1990. p. 1-3) prevê em seu art. 4º “É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.” Neste mesmo documento no art. 16. “O direito à liberdade compreende alguns aspectos dentre eles o IV - brincar, praticar esportes e divertir-se.” Desse modo, o brincar está assegurado por lei.

Pelo contato que a criança estabelece com seus pares, professores, pais, responsáveis, ela adquire experiências e compartilha suas vivências por meio de brincadeiras, seja no faz de conta, no pega pega, na brincadeira de casinha com os pais, desta forma é Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº3, Edição Especial 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

notável que o brincar é um direito da criança e que os adultos precisam proporcionar esse momento de liberdade e aprendizagem, tanto em casa, quanto na escola.

A criança brinca de várias formas e jeitos, “através do contato com seu próprio corpo, na interação com outras crianças, com as coisas de seu ambiente, as crianças vão construindo-se e desenvolvendo-se nos diferentes níveis, não de maneira isolada, mas sim de forma integrada.” (HEINKEL, 2003. p. 28). As interações são essenciais para o desenvolvimento das crianças, por meio das mesmas, as crianças produzem cultura.

Desde muito pequenos já estamos ligados de alguma forma com o convívio social, quando uma criança brinca com outras ela aprende, ensina, compartilha, pensa, cria laços e maneiras diferentes de se relacionar individualmente ou no coletivo. Como complementação Fantin (2000) nos diz que se entendemos o jogo como atividade específica e fundamental que pode garantir a interação e construção de conhecimento da realidade pela criança e se esta aprendizagem é social, isso nos faz pensar em estabelecer um vínculo muito forte e complexo entre o jogo e a educação, mais especificamente com a função pedagógica da Educação Infantil.

3.1 O brincar, o jogo e a brincadeira no desenvolvimento da criança

Tratar-se-á de desenvolvimento da criança nessa subseção, como desenvolvimento integral, que abrange os aspectos cognitivos, motor, social, cultural, afetivo entre outros. Quando se trata do desenvolvimento infantil é necessário lembrar que em diferentes práticas pedagógicas observamos que o uso dos jogos na Educação Infantil quase sempre se fundamenta nos estudos sobre seu papel no desenvolvimento infantil. Talvez este fato já possa ser considerado suficiente para justificar a importância da atividade lúdica no contexto escolar (FANTIN, 2000).

O imaginário, a imaginação, o faz de conta, são aspectos do desenvolvimento infantil, pois por meio deles a criança enriquece e aprimora o jogo, a brincadeira em si, desta forma o momento do imaginário, também pode ser uma brincadeira para a criança, ela fantasia, recria e pode até compreender situações que lhes desafiam. A brincadeira de “faz-de-conta” de acordo com Oliveira (1993) citando Vygotsky, refere-se que “é privilegiada em sua

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº3, Edição Especial 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

discussão sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento”, pois por meio da imaginação, é que outros aspectos na fase da infância se desenvolverão, desta forma quando é ofertado a criança atividades que favoreçam o envolvimento em brincadeiras e que criem situações imaginárias auxiliam para o desenvolvimento da criança, além de terem um objetivo pedagógico.

Além disso, “a escola e, particularmente, a pré-escola poderiam se utilizar deliberadamente desse tipo de situações para atuar no processo de desenvolvimento das crianças, aprimorando cada desenvolvimento pelo ato dos jogos e brincadeiras.” (OLIVEIRA, 1993. p. 67), deste modo à escola precisa proporcionar brincadeiras que envolvam a criança a no aspecto imaginativo e faz de conta. Vale ressaltar, também, segundo Fantin (2000) que nas situações de jogo as crianças podem colocar desafios e recriar regras, além de seu comportamento diário, desta forma quando brincam, as crianças desenvolvem sua imaginação e, ao mesmo tempo, conseguem fazer a construção das relações reais de organização e convivência.

Atentamos aqui em relação ao desenvolvimento afetivo por meio da brincadeira, Winnicott (1982, p.162) nos remete a reflexão de que “conquanto seja fácil perceber que as crianças brincam por prazer, é muito mais difícil para as pessoas verem que as crianças brincam para dominar angústias, controlar ideias ou impulsos que conduzem à angústia se não forem dominados. ” muitas brincadeiras observadas pelos adultos podem parecer grosseiras e irritantes, por exemplo, quando um menino brinca de bater seus carros uns com os outros, para os adultos aquilo faz muito barulho e atrapalha, já para a criança é um momento em que ela libera algum estresse, angustia, dor ou outros sentimentos do momento.

A criança se desenvolve ao longo do tempo fazendo parte das relações de convívio social, não só na escola, com amigos, professores, mas também dentro do âmbito familiar, que tem influência nesse desenvolvimento.

Além disso, a escola pode e deve enriquecer o jogo, pois não é suficiente proporcionar qualquer coisa à criança para que o jogo nasça e se desenvolva de forma proveitosa. Em alguns momentos se faz necessário uma intervenção, ainda que explicativa, sobre o funcionamento e as possibilidades do jogo, para então, as crianças poderem criar outras formas de estabelecer interações mais significativas com o brinquedo (FANTIN, 2000).

Um papel importante da escola ainda de acordo com Fantin (2000) é a de proporcionar tais referências, como jogos e brincadeiras conjuntas, comedidas por pausas e cada criança com sua participação na brincadeira, às crianças que noutro espaço não teriam outra oportunidade, inclusive como forma de “minimizar” as desigualdades, sejam elas sociais ou até mesmo raciais entre outras que já são tantas e também como uma possibilidade de “alimentar” ainda mais esta esfera da realidade social que as crianças estão submetidas – intencionalizando uma ação neste sentido, aproximando-as de um mundo a que não têm acesso noutros momentos.

As dinâmicas das famílias, de forma material ou simbólica, têm papel importante na vida escolar dos filhos. É preciso entender a criança como parte de sua própria trajetória e de suas relações com o meio externo ao seio familiar, como o bairro ou outros meios de socialização, já que algumas ações dos pais podem auxiliar na vivência escolar dos filhos, auxiliando de formas significativas na vida das crianças (ZAGO, 2012). A criança traz para a Educação Infantil, as representações das dinâmicas familiares e demais grupos sociais que faz parte.

A escola e a família de acordo com Dessen e Polonia (2007) são encarregadas de transmitir o conhecimento para a criança, mas a diferença acontece de acordo com o ambiente em que essa criança está inserida. No ambiente escolar essa transmissão ocorre de uma maneira diferenciada da que ocorre no ambiente familiar, sendo a escola e a família extremamente essenciais para o desenvolvimento da criança no meio social. Os conhecimentos da instituição escolar são os científicos, que foram acumulados historicamente. A educação cria desse modo, metodologias que desafiam o aprendizado que tenham significativos para a criança, na escola o ensino é sistemático, regido por diretrizes e propostas curriculares. Na família, os conhecimentos transitam de outro modo, já que cada uma tem suas particularidades.

Diante disso, Dessen e Polonia (2007, p.22), concluem que:

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva.

Por meio destas relações, a família exerce grande influência na criança, sendo a maneira de se comportar, a mais evidente. A criança é dessa forma diretamente influenciada pelos seus familiares na forma de pensar e de agir seja em casa, na escola ou no ambiente em que estará inserida. Nesse contexto, a contribuição dos pais/responsáveis no desenvolvimento da criança é essencial, e a sua participação na vida escolar é imprescindível.

4 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Essa pesquisa destaca-se pelo problema “Qual a visão dos pais/responsáveis em relação à importância do brincar na Educação Infantil? ”, e, portanto, aponta os sujeitos que irão contribuir para responder ao questionamento. A escuta dos pais/responsáveis foi o ponto inicial para que fosse constituído o percurso mitológico do artigo.

A metodologia científica tem por objetivo desvendar a realidade dos fatos, que ao serem descobertos guiam o uso do método. Este mesmo objetivo metodológico ainda se refere ao estudo de métodos de obtenção, organização e análise de dados com a finalidade de elaborar, validar e avaliar os instrumentos e técnicas de investigação (CERVO; BERVIAN, 2007).

A pesquisa é de âmbito qualitativo, tem por finalidade a característica exploratória descritiva, sendo de natureza básica, buscando descrever uma população ou algum fenômeno a ser estudado. O estudo realizado se deu por meio da pesquisa de campo, segundo Cervo e Bervian (2007), têm a finalidade de recolher e registrar ordenadamente os dados relativos ao assunto escolhido como objeto de estudo.

Os sujeitos pesquisados se constituíram em torno de sete pais/responsáveis que tem filhos/filhas matriculados na Educação Infantil, de sete escolas municipais, da cidade de Criciúma/SC. A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista semiestruturada, com perguntas elaboradas, porém abertas para a escuta de outras falas dos pesquisados, quanto à possibilidade de acontecer outras perguntas por parte do pesquisador. Para que a entrevista acontecesse antes de tudo, foram reservadas salas na biblioteca da UNESC. No segundo momento, foi feito contato com os pais/responsáveis, que foram eleitos por conta de indicações de colegas da graduação que subsequente indicaram outros pais/responsáveis que

conheciam e passavam o contato do futuro entrevistado/a, após esse critério de seleção, houve o contato por meio de ligações e e-mails, abordando de forma explicativa, convidando-os a participarem da pesquisa. Aos que aceitaram, foi marcado o dia da semana, e o horário. Os entrevistados assinaram um termo de autorização de gravação de voz, deixando explícitos os detalhes para a entrevista, o termo foi assinado em duas vias, um para o pesquisador outra para o entrevistado.

A entrevista se constituiu de oito perguntas pré-elaboradas, algumas entrevistas foram gravadas, a partir da liberação e aceitação dos pais/ responsáveis que participaram, para que assim se pudesse capturar cada fala obtida, outros preferiram responder de forma mais dinâmica, sendo assim anotada cada fala. Segundo Barros e Lehfeld (2000, p. 89), “a coleta de dados significa a fase da pesquisa em que se indaga e obtém dados da realidade pela aplicação de técnicas.” Por meio dos dados coletados o pesquisador conseguiu perceber e analisar cada questão abordada, através da escrita de outros autores, e assim concluir e obter os resultados alcançados.

No termo de consentimento constava que os nomes dos entrevistados não seriam revelados, portanto, utilizou-se a letra R, seguida dos números de 1 a 7, R1, R2, R3 e assim sucessivamente.

A análise dos dados tem por seguimento as principais ideias de cada entrevistado, dividido em dois blocos seguidos pelas seguintes questões: Bloco 01: **Saberes dos pais/responsáveis sobre o brincar** - “O brincar é importante para o desenvolvimento da criança? ”, “Qual seu entendimento sobre o brincar na escola, especificamente na Educação Infantil? ”, “Qual a diferença de brincar na escola e o brincar em casa? ” E Bloco 02 um pouco mais profundo na dimensão da escola e o brincar, intitulada de **A visão dos pais/responsáveis sobre a escola no desenvolvimento das crianças e o brincar como forma de aprendizagem**. As questões que norteiam essa temática são: “Papel da Educação Infantil”, “Favorecimento da escola para a criança”, “As falas das crianças sobre o brincar na escola” e dentro do âmbito do brincar como forma de aprendizagem para a criança “Impasse do brincar: instinto ou aprendizagem”, “Dilema de a criança só brinca na escola ou fazer algo a mais ”, as quais serão analisadas, com base nas referências bibliográficas.

Antes de tudo os responsáveis fizeram o reconhecimento das questões que seriam abordadas antes de responderem, para que pudessem se familiarizar e se inteirar do tema “brincar na educação infantil”.

4.1 Saberes dos pais/responsáveis sobre o brincar

As primeiras questões do bloco giram em torno da temática a respeito da importância do brincar para o desenvolvimento da criança, onde cada um dos responsáveis expôs sua opinião de acordo com seus saberes. Durante a análise das respostas, foi possível identificar que de maneira geral, todos os pais/responsáveis citam que a brincadeira é importante para criança, pois ali a criança aprende e também se desenvolve intelectualmente, fisicamente e interage com outras crianças. As respostas dos pais/responsáveis demonstram saberes significativos sobre o brincar e a brincadeira, destaca-se R5 que salienta que “O brincar é muito importante, não apenas fisicamente, mas intelectualmente, socialmente.” A resposta de R5 demonstra seu entendimento de desenvolvimento integral da criança.

A criança quando brinca com seus pares explora um universo mais lúdico, interativo, onde negocia suas brincadeiras, imagina, recria um mundo que se torna só delas, pois faz parte de seu desenvolvimento. Pode-se perceber que os pais/responsáveis ao falar sobre o brincar, atribuíram-lhe a importância destacada por autores da área.

Pegando este gancho em relação ao brincar, a questão seguinte se referia ao brincar na educação infantil. R1, R2, R6 e R7, se referiram à brincadeira escolar como algo importante, que serve para o aprendizado da criança, pois brincando também se aprende. Nessas respostas, os pais/responsáveis associaram o brincar ao aprender, o que representa que seus saberes vão além do senso comum.

Desse modo, Fantin (2000, p. 87) afirma que:

[...] pode configurar-se numa situação de aprendizagem infantil em que o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos devido à possibilidade de interação entre os pares numa situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos. Enquanto ações humanas, o jogo e a brincadeira são também construção de significados.

As experiências que as crianças vivem em cada jogo, em cada brincadeira, ensinam a elas, de que forma proceder em cada situação da brincadeira. Os adultos aprendem com as experiências que vivem no seu cotidiano, as crianças aprendem no momento do jogo e da brincadeira.

No âmbito escolar a criança já está pautada a seguir uma rotina preestabelecida pelo educador, mas o que esse educador não pode esquecer é de que em meio à brincadeira, a criança aprende e se desenvolve, pois se trata de um dos eixos do DCNEI, ela é fundamental para o desenvolvimento da criança de forma integral.

Ainda nesta mesma temática, R3 e R5 citam o fato de que “o brincar é importante para o desenvolvimento da criança, no cerne dos aspectos que envolvem a coordenação motora, intelectual e para a imaginação”. Esta ideia é validada, pois os jogos e as brincadeiras segundo Antunha (2002), contribuem para o desenvolvimento integral do sistema nervoso, dentro dos aspectos psicomotores e cognitivos, além disso, dentro da situação da brincadeira a criança imita, observa, raciocina, é perspicaz, autoritária, o que acaba ajudando a criança na sua integração e segurança diante dela mesma e do outro. Corroborando nesse sentido, Winnicott (1982, p. 163) situa a ideia de que:

As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e fantasia. Tal como as personalidades dos adultos se desenvolvem através de suas experiências da vida, assim as das crianças evoluem por intermédio de suas próprias brincadeiras e das invenções de brincadeiras feitas por outras crianças e por adultos.

Como ponto final o R4 remete o brincar como “a diversão entre seus pares”, certamente o momento do brincar deve provocar diversão, seja na brincadeira individual ou coletiva. Em determinadas situações de brincadeira, há as frustrações, o medo de perder, ou não conseguir o papel que deseja, por exemplo, ser a mãe da brincadeira. Para isso, o educador precisa observar, pois esses momentos também propiciam aprendizagens. E os pais/responsáveis precisam ser esclarecidos em relação a isso, algumas brincadeiras podem desafiar a criança.

Os entendimentos dos pais/responsáveis sobre brincar na escola e em casa oferecem pistas sobre a diferença destes dois segmentos casa/escola. Ao serem questionados

R2, R3, R4, R6 e R7 associaram “a brincadeira de casa como algo mais livre, com mais liberdade e na escola é mais regrado”.

Dentro deste paradoxo situado sobre as regras nas brincadeiras escolares, Fantin (2000, p. 77) afirma que “a brincadeira na escola é intermedida por outros elementos e fatores que influenciam e regulam na atividade da criança e as interações que estabelece”, por esse fato que na escola as crianças aprendem que as brincadeiras possuem regras a serem seguidas, onde cada criança identifica o momento da pausa em um jogo ou brincadeira, respeitando assim a vez de cada um.

Neste mesmo sentido Fantin (2000) diz que a brincadeira livre faz parte de algum momento da criança, e a partir dessa escolha de brincar mais livre a criança assume papéis, imagina, descobre, utiliza de materiais e objetos que representam coisas reais na sociedade. Sendo assim, o brincar mais livre está presente sempre nas crianças, pois é naquela situação que ela acaba representando o que viu ou aprendeu.

Diferente da situação anterior, R1 e R5, afirmam que “brincar tanto em casa, quanto na escola, necessitam do ‘incentivo de um adulto’”. Referente a esta temática sobre o incentivo Dessen e Polonia (2007, p. 29) trazem a ideia de que “a família não é o único contexto em que a criança tem oportunidade de experimentar e ampliar seu repertório como sujeito de aprendizagem e desenvolvimento, a escola também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo.” Nesse sentido, os responsáveis muitas vezes não conseguem incentivar seus filhos por conta de trabalhos e compromissos diários, um dos responsáveis salientou que se sente culpado por não efetivarem essa tarefa.

Percebe-se então que ao discorrer da entrevista os pais/responsáveis compreendem que se faz necessário a criança brincar das mais variadas formas, dos mais variados contatos, pois de acordo com Oliveira (1993, p. 66) que cita Vygotsky, discutindo sobre o papel do brinquedo:

[...] refere-se especificamente à brincadeira de ‘faz de conta’, como brincar de casinha, brincar de escolinha, brincar com cabo de vassoura como se fosse um cavalo. Faz referencia a outros tipos de brinquedo, mas a brincadeira de ‘faz-de-conta’ é privilegiada em sua discussão sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento.

A criança que brinca e usufrui da imaginação para que essa brincadeira aconteça, faz com que haja uma amplitude a outros aspectos para serem desenvolvidos, como os aspectos afetivos, sociais, motores, entre outros, que favorecem a criança no envolvimento para com seus pares nas mais variadas brincadeiras.

Ainda nesse processo vale ressaltar que a brincadeira está presente no cotidiano escolar da criança, isso não se difere muito na Educação Infantil, pois no DCNEI (BRASIL, 2010. p.12) assegura a criança como um “sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”. Nesse sentido a criança da Educação Infantil brinca, e em suas brincadeiras são proporcionadas novas experimentações, é na E.I que ela se constrói como um ser único e com atributos que se desenvolvem no momento da brincadeira e supostamente em outras áreas.

Por fim a criança além de brincar na escola, também desenvolve brincadeiras em casa, mesmo se tratando de uma questão que ocorre em qualquer espaço social, há suas diferenças. É pressuposto que os jogos e brincadeiras na escola têm múltiplas funções, a brincadeira por ela própria, há também o resgate da cultura (FANTIN, 2000). A brincadeira na escola tem por função trabalhar a inteiração do sujeito e a brincadeira por diversão, mas tem a finalidade de resgatar uma cultura, regras, funções desempenhadas e aprendidas no momento da brincadeira, pois a escola é mediadora de cada um desses resgates.

Em casa a brincadeira não é comedida deliberadamente por regras, ou seja, é algo mais livre, sem um objetivo central, mediante a esta brincadeira livre Fantin (2000) destaca que esta liberdade se “expressa no fato de que a criança elege o tema do jogo e, além disso, suas ações com os objetos no jogo se diferenciam do uso normal.” Quando a criança brinca por livre e espontânea vontade independente do jogo ou brincadeira, ela é quem decide se seguirá as regras estabelecidas ou se irá propor novas regras e métodos a serem seguidos no momento da sua brincadeira, já que a imaginação está sempre presente, o jogo ou a brincadeira acabam tornando-se ainda mais prazeroso para a criança.

A brincadeira está presente o tempo todo no cotidiano da criança, seja em casa ou na escola, mediada por um adulto ou por elas mesmas seguindo e estabelecendo suas regras, imaginação, ações e afetividades.

4.2 A visão dos pais/responsáveis sobre escola no desenvolvimento das crianças e o brincar como forma de aprendizagem

O segundo bloco está estruturado por três questionamentos que dizem respeito ao âmbito escolar. A questão inicial está relacionada ao papel da Educação Infantil, e como esses responsáveis se posicionam em relação à instituição.

Pode-se constatar que R1, R2, R3, R4, R5, R6 e R7 trazem a ideia de que a Educação Infantil tem “papel de ensinar, é onde as crianças aprendem, conhecem as letras, brincam, socializam, se expressam.”. No que tange ao papel social da escola, esses pais/responsáveis definiram bem o objetivo da Educação Infantil. De acordo com as DCNEI o eixo curricular sobre interação e brincadeira afirma que na Educação Infantil necessita ser promovido o conhecimento da criança e do mundo, por meio das mais variadas formas de experiências possíveis, tais quais: a expressão corporal, gestual, a musicalidade, o movimento de seu corpo, respeito com o momento de cada um (BRASIL, 2010). Portanto, as respostas dos pais/responsáveis se aproximam da legalidade.

Destaca-se aqui a resposta de R7 onde cita que o papel da Educação Infantil “é indispensável, além de ajudar na disciplina e ensino, conviver com outras crianças ajuda no desenvolvimento”. Os pais/responsáveis compreendem a importância da Educação Infantil para a criança, para com o contato que elas precisam ter com outras crianças.

A segunda questão, diz respeito ao que a instituição pode proporcionar para a criança, onde os pais/responsáveis R1, R2, R4 e R7, relatam que a escola proporciona o “ensino dos valores éticos, morais e sociais”, analisando por este parâmetro, em relação aos seus entendimentos para com a escola, nota-se que eles têm noção, pois, “a escola é destacada como um contexto de desenvolvimento, priorizando uma reflexão sobre sua função social, as suas tarefas e papéis na sociedade.” (DESSEN; POLONIA, 2007, p.22). Por meio de suas respostas, pode-se perceber que diferenciam os papéis relativos à escola e a casa/família.

R2 enfatiza que “é bem melhor na escola, porque na escola eles aprendem o que deve ser correto, em casa ‘a gente’ também ensina [...], mas na escola é o principal”, é perceptível que a escola ainda é vista como um lugar que apresenta conhecimentos aos quais os pais/responsáveis não se consideram preparados para ensinar. Os pais/responsáveis R3, R5 e R6 relataram que “a escola é um lugar de aprendizado”, salientando também, o papel social da escola. Segundo Fantin (2000, p. 78) “[...] a criança desenvolve-se pela experiência social nas interações que estabelece com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criados.” Mediante as experiências que a escola proporciona, a criança aprende e também ensina, pois compartilha seus saberes que já traz de casa.

Uma das perguntas gerou risos dos pais/responsáveis e eles em sua maioria, responderam com leveza, com um sorriso no rosto, que foi a pergunta relativa se as crianças falam que brincam na escola: “ah ele/ela fala muito sobre o que brincou na escola”, fato este que ocorreu em cada entrevista, sendo assim, todos eles responderam que as crianças falam sobre o brincar, a brincadeira, o jogo na escola. Ressalta-se aqui a resposta de R2 sobre esta fala da criança sobre o brincar na escola, “sim, fala bastante, o que fizeram, que brincaram no parquinho, que brincaram de bola, brincou de gangorra, um monte de coisa”. Conforme Heinkel (2003, p. 17) “o importante é que a criança brinque na escola infantil, porque essa atividade é a mais importante na estruturação da dimensão cognitiva-objetivante e desejante-sujeitivamente da criança.”

Um dos entrevistados, R7 que tem também uma criança de seis anos que está no 1º ano do Ensino Fundamental, salienta a voz dessa criança “a minha de 6 anos diz sentir falta de brincar na escola dos pequenos”. Essa é uma denúncia ao processo de escolarização, pois a criança de seis anos não pode mais brincar, segundo R7 “no 1º ano precisa se dedicar mais aos estudos”. As respostas dos pais/responsáveis nesse bloco demonstram seus entendimentos sobre o brincar na escola, e que vão para aprender, porém devem brincar.

Nesta última parte do bloco abordaremos se as crianças aprendem a brincar e se podem aprender por meio das brincadeiras. A primeira questão os fez pensar bastante: “a criança aprende a brincar ou ela já sabe brincar? ”, analisaram a questão e generalizando, a maioria respondeu que as crianças aprendem a brincar no dia-a-dia. Ou seja, suas respostas apontam para as interações.

Desse modo:

Brincar é uma aprendizagem, uma aprendizagem que se baseia na imaginação e a enriquece. A criança tem o potencial imaginativo e aprende a brincar brincando, e esse brincar é aprendido por meio de vários fatores: através de relações interpessoais que dependem basicamente de afeto e emoção; através da linguagem e através do uso de objetos mediadores (FANTIN, 2000. p.83).

Pode-se concluir então que a criança aprende a brincar, não só pelo fato de que lhe ensinam a brincar, mas conseqüentemente pelo envolvimento que elas têm uma com as outras, brincar não é natural, é uma aprendizagem.

Finalizando este bloco, os pais/responsáveis foram colocados a prova em relação a escola, no que concerne a questão de que “as crianças só brincam na escola?” pode-se registrar aqui que em todas as respostas os pais/responsáveis enfatizam que “a criança brinca e aprende, ela desenha brincando, faz recortes brincando, a brincadeira faz parte do aprendizado”.

A escola é um espaço em que o indivíduo tende a funcionar de forma preditiva, ou seja, na sala de aula haverá momentos de atividades que possuem um objetivo programado e outras atividades mais informais que se estabelecem na interação da pessoa com seu ambiente social (DESSEN; POLONIA, 2007), na escola a criança brinca e muitas vezes a brincadeira é livre para que ela possa interagir nas mais variadas formas possíveis com seus pares, mas também há o momento das atividades dirigidas, que possuem algum objetivo central para um maior desenvolvimento da criança, por isso, na escola a criança, assim como os pais entendem que há os momentos de lazer, mas também o de aprendizado objetivo.

Destaca-se aqui R7 onde relata que na escola a criança “faz muito mais! Acredito que em cada atividade, cada diálogo na escola, está aprendendo algo. E a brincadeira mais do que nunca, se faz necessária, já que esta nova geração já está acostumando com as tecnologias, e se tornando sedentários.”

Nota-se por fim, que os pais/responsáveis compreendem que os momentos de brincadeiras são necessários para que as crianças se desliguem do mundo tecnológico e corram mais, se agitem mais, suem muito mais ainda, a brincadeira tanto na escola como em casa não pode ser extinta, pois a criança que brinca é associada a uma criança mais saudável e

que está em desenvolvimento constante.

5 CONCLUSÃO

Este artigo elucidou a questão inicial da pesquisa sobre a visão dos pais/responsáveis acerca do brincar na Educação Infantil. Vale ressaltar que o tema girou em torno de saber e conhecer o que os pais/responsáveis pensam sobre o fato de a brincadeira ter uma importância para o desenvolvimento da criança.

A brincadeira permite à criança desenvolver-se em diversos aspectos, por meio dela pode compreender as diferentes realidades e vivenciá-las com seus pares. Também pela brincadeira, a criança aprende, cria, pula, se desenvolve, se torna um sujeito pensante. A criança que brinca tem acesso a possibilidades de interação.

Foi possível notar que os pais/responsáveis, compreendem a importância do brincar na Educação Infantil, cada um deles, a seu modo, demonstrou que tenta acompanhar as fases do desenvolvimento de seu filho/filha. Não explicitam as fases de acordo com a psicologia do desenvolvimento, porém, compreendem que brincar é essencial para as crianças. Ressaltaram em suas falas, que a brincadeira contribui para o processo de aprendizagem, e que por meio do brincar, a criança aprende.

Os pais/responsáveis destacaram que há diferenciação entre o brincar na escola e o brincar em casa, disseram que brincar em casa está pautado em algo que é mais livre, onde a criança cria e dita suas regras, brinca de acordo com aquilo que mais lhe chama atenção e lhe fascina. Já no âmbito escolar os pais/responsáveis estabelecem que os jogos e brincadeiras são agregados por um seguimento de regras e mediações feitas pelos professores, ensinando assim a criança que em algumas brincadeiras as regras existem para que todos possam compreender como funciona e que haja a participação de todos.

A questão relacionada a investigar se as crianças vão à escola apenas para brincar, os pais/responsáveis pressupõem que as crianças além de brincar, também aprendem pelas brincadeiras. Conseguem compreender que é necessário brincar, no entanto, salientam o ensino pelas brincadeiras. Percebeu-se em suas falas a função social da instituição escolar, que esperam que a criança aprenda e brinque.

Esta pesquisa é primordial para os profissionais da educação, para terem outro olhar sob a ótica das brincadeiras, vale ressaltar o fato de que os pais/responsáveis estão presentes na escola e buscam saber o que seus filhos aprendem e como aprendem, muitas vezes desejam ser ouvidos e relatar de alguma forma o que anseiam em relação à Educação Infantil.

Esta pesquisa pode ter continuidade, pois os pais/responsáveis podem e devem ser ouvidos. Aos educadores, que proporcionem momentos de escuta na Educação Infantil, e que estabeleçam parcerias com os pais/responsáveis, no sentido de que suscitem novos temas que agreguem valor a fala deles, colocando em pauta a opinião, valorando assim aqueles que também se fazem presentes na escola.

6 REFERÊNCIAS

ANTUNHA, Elsa Lima Gonçalves. “Jogos sazonais” – coadjuvantes do amadurecimento das funções cerebrais. In: _____. OLIVEIRA, Vera Barros de et al (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seus anos**. 4. ed. Petropolis: Vozes, 2002. 184 p.

ARIÈS, Philippe; FLAKSMAN, Dora. **Historia social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981. 279 p.

BARROS, Aidil J. da Silveira; LEHFELD, Neide A. de Souza. **Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: Makron Books, 2000.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2007.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A Família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Scielo**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/SO103-863X2007000100003>> . Acesso em: 20 out. 2017.

FANTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: jogo, brinquedo e cultura na educação infantil**. Florianópolis: Cidade futura, 2000. 244 p.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 3, nº3, Edição Especial 2019.– Curso de Pedagogia – UNESC

MUNIZ, Luciana. Naturalmente criança: a educação infantil de uma perspectiva sociocultural. In: _____. KRAMER, Sonia et al (org). **Infância e educação infantil**. Campinas: Papirus, 1999. 280 p.

HEINKEL, Dagma. **O brincar e a aprendizagem na infância**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. 67 p.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky. **Aprendizado e desenvolvimento**. Um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

PETRY, Luíza; RESMINI, Gabriela; MEIMES, Marina Franco E Maíra. A descoberta da infância. **E-psico**, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/tempo/infancia-texto.html>>. Acesso em: 20 out. 2017.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982. 270 p.

ZAGO, Nadir. A relação escola-família nos meios populares: apontamentos de um itinerário de pesquisa. In: Dayrell, Juarez, Nogueira, M. A., RESENDE, José Manuel, Vieira, Maria Manuel (Orgs.). **Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil - Portugal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

Recebido: 19/05/2019

Aprovado: 01/08/2019

Publicado: 20/09/2019